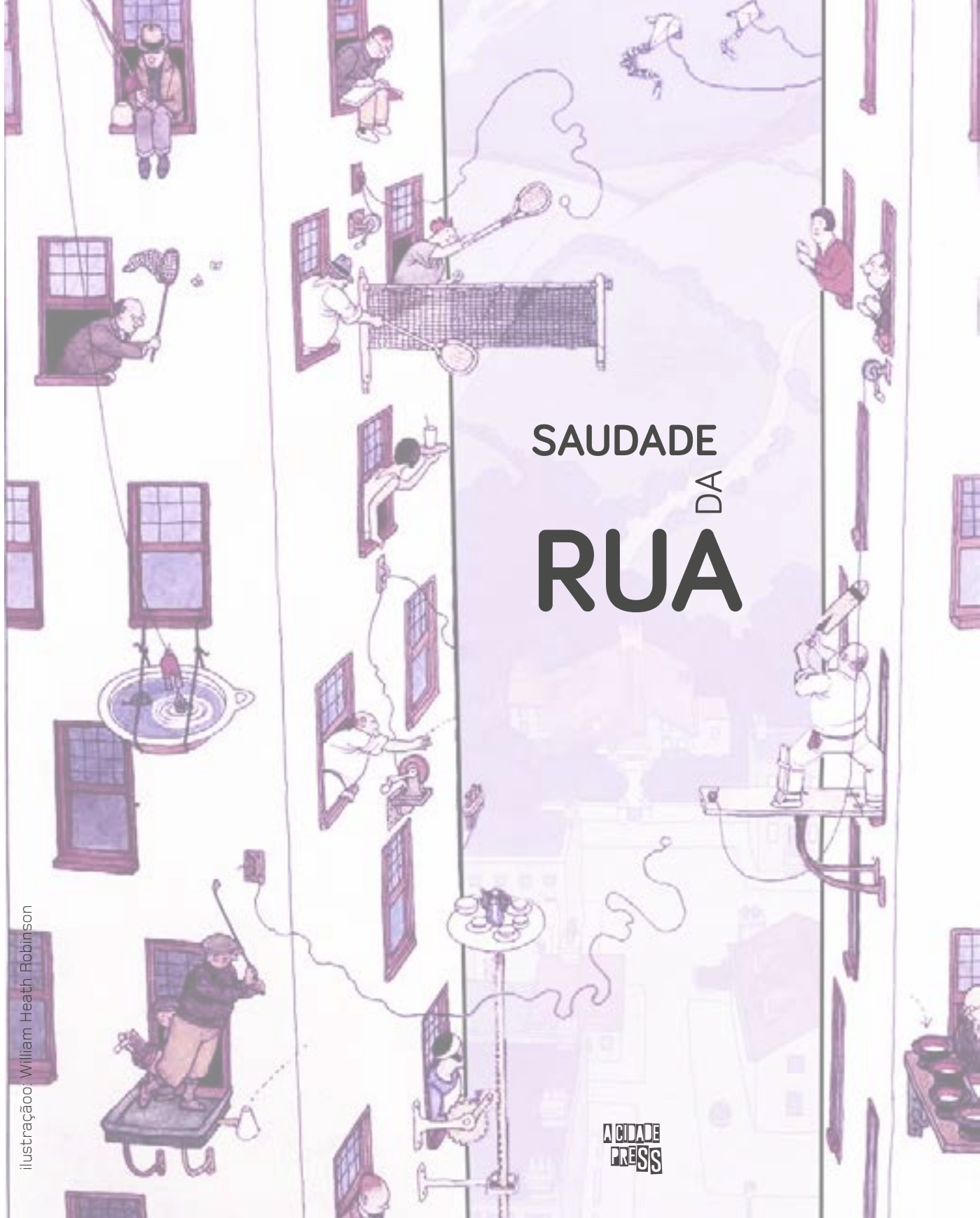


SAUDADE DA RUA

A CIDADE PRESS

ilustração: William Heath Robinson

O QUE VOCÊ
QUER DA RUA?

A RUA!

O que você quer da rua?
A rua[1].

O espaço público, o espaço de todos fez e continua fazendo falta, especialmente em um momento de ainda incerteza, e com ondas de Covid indo e voltando. O transitar sem culpa, o encontro espontâneo e todo o vai e vem que espaços diversos propiciam é sentido com saudades, nostalgia e reconhecimento.

Nós do Instituto a Cidade Precisa de Você esperamos que essa falta traga consciência e ação em decisões políticas e de participação a nível de bairro, de subprefeitura e de cidade sobre o espaço público.

Crescemos quando saímos do reconhecimento a ação. Aqui fica um convite para crescermos juntos, dialogando, incidindo, cuidando e mudando.

1. provocação inspirada por Paulo Leminski

O Instituto a Cidade Precisa de Você é um coletivo de pessoas que fazem lugares, organizadas em um instituto sem fins lucrativos. Conformamos uma rede interdisciplinar comprometida em construir cidades mais justas, inovadoras, democráticas, seguras, saudáveis e vibrantes. Fazemos isso através da ativação e melhoria de espaços públicos, pois eles são vitais para o nosso propósito.

Entendemos que os espaços públicos sejam um tema estratégico em um mundo cada dia mais urbanizado – segundo a ONU, os espaços públicos (que incluem praças, parques, ruas e calçadas) ocuparão quase metade do território das cidades nos próximos 20 anos. É por isso que trabalhamos para promover a coprodução do seu uso, cuidado e gestão entre os vários atores urbanos – comunidade, movimentos civis organizados, terceiro setor, empresas e poder público.

Não oferecemos soluções prontas, mas sim metodologias e experimentações. Agimos por meio de investigação, escuta e testes com a população local, ativando potenciais de territórios para transformá-los em lugares vibrantes. Criamos situações de diálogos construtivos, reunimos e multiplicamos informações e conectamos agentes para melhorar as cidades através de seus espaços públicos.

Atuamos em três eixos: Mão na Massa, Educação Urbana e Fazendo Junto. No eixo Fazendo Junto nos dedicamos a pesquisar sobre gestão compartilhada, a investigar como os diferentes atores de uma cidade podem compartilhar direitos e responsabilidades na gestão dos espaços públicos. Pesquisamos modelos possíveis de PPS (Parcerias Público-Sociais), como incentivar o cidadão a colaborar com seus talentos e habilidades na construção de uma cidade mais justa, democrática e diversa, e como orientar os investimentos privados pelo interesse público. Procuramos modelos de participação, cocriação e gestão compartilhada de espaços públicos.

ÍNDICE

5 Apresentação
Marcella Arruda

7 Nunca sentimos tanta falta do espaço público
Carol Guimarães

13 A descoberta do que é inadiável
Laura Sobral

21 O que os espaços virtuais nos informam sobre nossos espaços públicos
Karen Martini

27 Criança quer ir pra rua!
Vanessa Espínola

41 Outras cidades impossíveis
Ursula Troncoso

51 Pequenos negócios e produtores locais em foco
Manuela Colombo

55 A reinvenção do comum e da vida cotidiana
Marcella Arruda

61 A cidade entubada também precisa de cura
Barão di Sarno

APRESENTAÇÃO

Diante deste momento de isolamento, nós associados do Instituto A Cidade Precisa de Você, realizamos um exercício de reflexão e síntese ao redor das questões que nos atravessam neste momento. A ideia começou com a provocação de Carolina Guimarães com o texto "Nunca sentimos tanta falta do espaço público", publicado no ArchDaily.

A partir deste pontapé, surgiu o #saudadedarua: uma campanha que provoca o pensamento do significado do espaço público atualmente e cujo alguns dos textos também estão disponíveis no ArchDaily. Outras reflexões vieram decorrentes deste chamado. "A descoberta do que é de fato inadiável" (também no ArchDaily) de Laura Sobral realiza uma reflexão ao redor dos espaços públicos urbanos. A proposta de Karen Martini analisa "O que os espaços virtuais nos informam sobre nossos espaços públicos?" e qual o impacto do design dos espaços - fisicos ou virtuais - no comportamento e formas de relação entre as pessoas.

As formas de organização não são somente para os adultos, mas também entender o olhar das crianças nas propostas da Vanessa Espinola em "Criança quer ir pra rua" e da Ursula Troncoso no "Outras Cidades Impossíveis", os dois também publicados no ArchDaily.

Entender as dinâmicas que se estabelecem na cidade, com relação a comida, consumo, e relações que compõem esse ecossistema. Manuela Colombo oferece um olhar mais consciente acerca dos "Pequenos negócios e produtores locais em foco". Trazer uma consciência acerca das relações de consumo e descarte, dos serviços e pessoas invisibilizados nas cidades são trabalhados no artigo "A reinvenção do comum e da vida cotidiana" de Marcella Arruda, publicado na série do ArchDaily.

Por fim, Barão di Sarno, vice presidente da associação, oferece uma reflexão a partir dos desafios que estão sendo encarados e como esses desafios apontam caminhos para o desenvolvimento urbano em "A cidade entubada também precisa de cura" (também disponível no ArchDaily).

NUNCA SENTIMOS TANTA FALTA DO ESPAÇO PÚBLICO

CAROL GUIMARÃES

urbanista e gestora de projetos. Mestre em cooperação internacional e desenvolvimento urbano pela Universidade de Darmstadt (Alemanha) e bacharel em Economia e Ciências Políticas pela Universidade da Colúmbia Britânica, Vancouver (Canadá). Atualmente coordena a Rede Nossa São Paulo e é conselheira do Conselho de Transporte e Trânsito de São Paulo. Promove o transporte público para uma cidade mais democrática e inclusiva, em projeto pessoal chamado "Linha 580, te leva as Alturas".

Terminou seu fellowship pelo Global Policy Institute,Berlim, em Governança Global de Cidades. Trabalhou como gestora de projetos no escritório regional da ONU-Habitat e apoiou na construção de uma plataforma de capacitação e disseminação de soluções para habitação na América Latina e o Caribe pelo Cities Alliance (Urban Housing Practitioners Hub), além de outros trabalhos em agências multilaterais e consultoria.

Confinados, alguns em mais metros quadrados do que outros. Me lembrei do filme Medianeras, aquele argentino onde a protagonista discorre sobre a solidão urbana falando de apartamentos "mono-ambientes" ou caixas de sapatos, mas também de encontros virtuais. Aquela realidade cinematográfica de 2011 é ainda mais real nesse momento, onde começamos a planejar happy-hours virtuais.

O desafio atual é re-pensar a cidade sob outra ótica. Para urbanistas, o período de coronavírus nos questiona a negar os modelos de cidade que promovemos, um desenvolvimento urbano integrado e misto, que facilite e propicie convivências em espaços públicos.

A história nos conta que dos encontros religiosos e comerciais, como também via expansão de caminhos, estradas e ferrovias, nascem as centralidades. Os conhecidos bazares no Egito Antigo eram pontos de encontros que junto a outras sinergias que esses espaços propiciavam, foram formando aglomerações, povoados, cidades e fronteiras.

Hoje somos urbanos, e vivemos majoritariamente em cidades, tendência estimada a crescer. Porém morar em cidades muitas vezes é sinônimo de ocupar espaços pequenos, especialmente em megalópoles globalizadas, cidades capitais, ou até mesmo cidades intermediárias, e suas áreas mais centrais.

Com o aumento do custo de morar nesses epicentros, somado à sua forma vertical que propiciou mais gente por metro quadrado urbano, as cidades foram se tornando lugares densos e até "claustrofóbicos". As que souberam aproveitar dessa densidade e conectar mais que distanciar as pessoas, promoveram um desenvolvimento "para pessoas". Em outras palavras, promovendo "respiros urbanos" considerando centralidades territoriais como parques, praças, comércio local e espaços públicos em geral.

Qualidade de vida nas cidades perpassa por ter espaços públicos seguros e convidativos. Espaços bem planejados conseguem oferecer recreação e lazer para varias idades. Reconhecendo a importância de se exercitar em espaços públicos para a saúde mental de seus cidadãos, na França se autorizou como uma das poucas opções de saída rápida, um respiro público em tempos de corona pelas redondezas do seu lar.

créditos: Bruno Borges

A OMS recomenda 9m2 de espaço verde por pessoa como reconhecimento da importância desses para a saúde da população urbana. Em muitas cidades essa média não é alcançada, e quando alcançada sua distribuição no território não é uniforme; não é incomum encontrar bolsões de concreto em certas áreas da cidade ou até mesmo praças e parques que não atendem uma qualidade mínima para seu usufruto.

Com a necessidade de isolamento social e com a dificuldade de limitar dinâmicas em espaços não controlados, públicos e abertos, a convivência neles fica completamente impossível no apoio ao combate ao vírus e achatamento da curva de contágio. Como bem disse a coluna do New York Times "Can City Life Survive Coronavirus?": "Elas (pandemias) são anti-urbanos. Eles exploram nosso impulso de congregar."

Em tempos de isolamento, e quanto mais o tempo passa, mais romantizamos a rua e os espaços públicos. Vivemos momentos de desespero para sair do confinamento, sair as ruas e aproveitar a coletividade. No entanto sabemos que esse coletivo carece de um devido zelo e métodos mais participativos de gestão, reconhecendo e empoderando comunidades locais no seu cuidado. A pesquisa da Rede Nossa Sao Paulo de meio ambiente, realizada em 2019, aponta que 53% das pessoas entrevistadas avaliam a manutenção e preservação das praças da cidade como ruim ou péssima, ao passo que apenas 11% afirmam que é ótima ou boa.

A pesar da distância forçada, o momento exige um pensar coletivo, caso contrário a medida não funciona. O isolamento pode e deve proporcionar uma reflexão e empatia aos "espaços comuns", aos

"nossos" territórios. Afinal estamos juntos tanto na pandemia, mas também em tempos normais, por mais que não nos sensibilizemos a isso.

Estar e viver o comum é reconhecer o outro, os encontros, as ideias e a diversidade. O potencial do urbano. Cuidar desses espaços é cuidar da nossa troca e de como nos relacionamos, e conectamos direta e indiretamente com as pessoas e com o nosso comum. Esse ocupar e zelar, já mudaram, vem e continuarão mudando.

O que nos faz refletir, como será nosso comum daqui pra frente?

“Estar e viver o comum é reconhecer o outro, os encontros, as ideias e a diversidade”

A DESCOBERTA DO QUE É INADIÁVEL

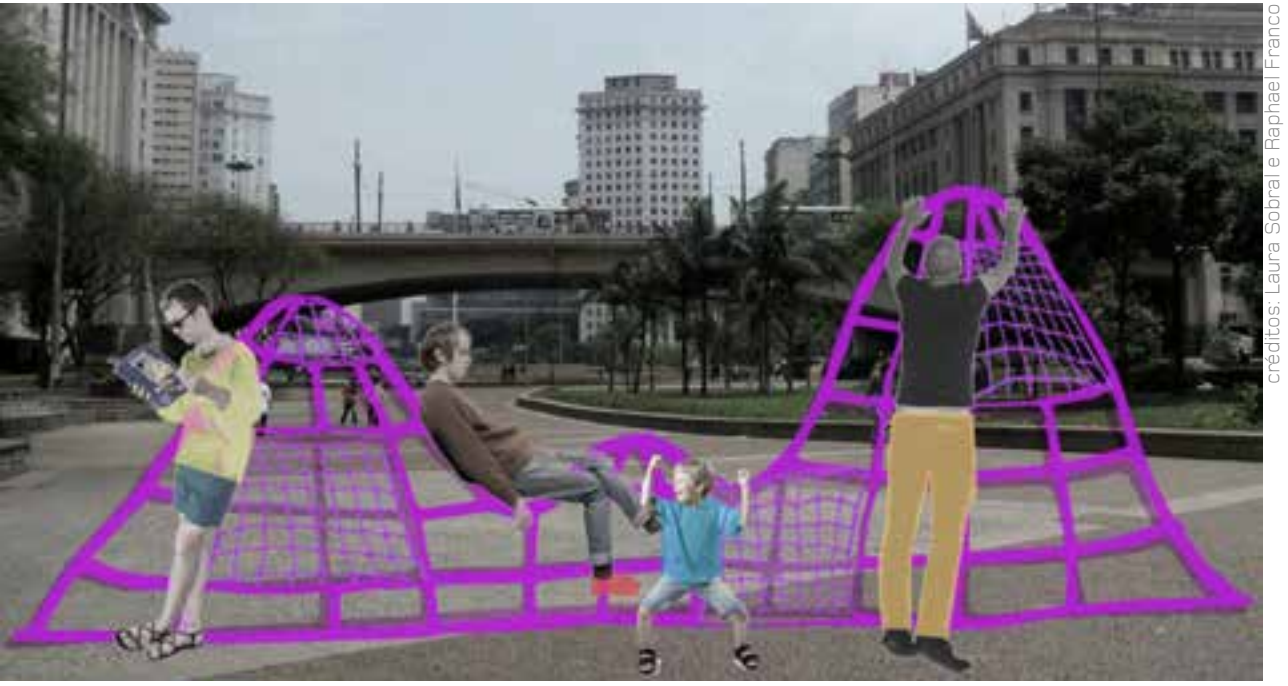
LAURA SOBRAL

arquiteta urbanista. Graduou-se e é mestre pela Universidade de São Paulo, com intercâmbio na Universidad Politecnica de Madrid (Espanha). Desde 2007, estuda e realiza intervenções urbanas, arquiteturas temporárias para a ativação dos espaços públicos. É cofundadora do Instituto A Cidade Precisa de Você, e fellow do The German Chancellor Fellowship for tomorrow's leaders – Alexander von Humboldt Foundation, onde desenvolveu a partir de Berlim (Alemanha), um projeto sobre instrumentos urbanos para a gestão compartilhada de espaços públicos que resultou no seu livro Doing it Together – cooperation tools for the city co-governance.

As cidades são potencializadoras de encontros e oportunidades, atraindo pessoas em busca de maior escala e diversidade. Agora, sendo restritos os encontros, o que se escancara é a interdependência e a importância dos lugares onde se sustentam trocas e convívios. Explico-me a partir de algo simples, porém nem por isso menos significativo do momento: a maioria dos espaços públicos do Brasil — praças, parques, calçadas — quando existentes, são desertificados. Ou seja, não têm infra-estrutura para a permanência de pessoas.

Não é por acaso que a maioria dos espaços públicos do país sejam carentes de mobiliário urbano. Mobiliário urbano é um catalisador de vida urbana. E espaços sem permanência, com as pessoas usando-os só como passagem no dia que não pode parar, dão menos trabalho, menor gasto para a administração pública. Gerenciar uma cidade que é feita para acolher as pessoas dá muito mais trabalho do que uma cidade que as pessoas consomem como um simples trânsito necessário para a realização das urgências econômicas.

A qualificação dos espaços públicos passa por várias questões, como estarem preparados para a mobilidade ativa segura — sendo acessíveis e tendo calçadas largas, pavimentação adequada, espaços para pedestres e bicicletas; arborizados — funcionando também como infraestrutura drenante da cidade; e terem espaços e estruturas de apoio para descanso,



créditos: Laura Sobral e Raphael Franco

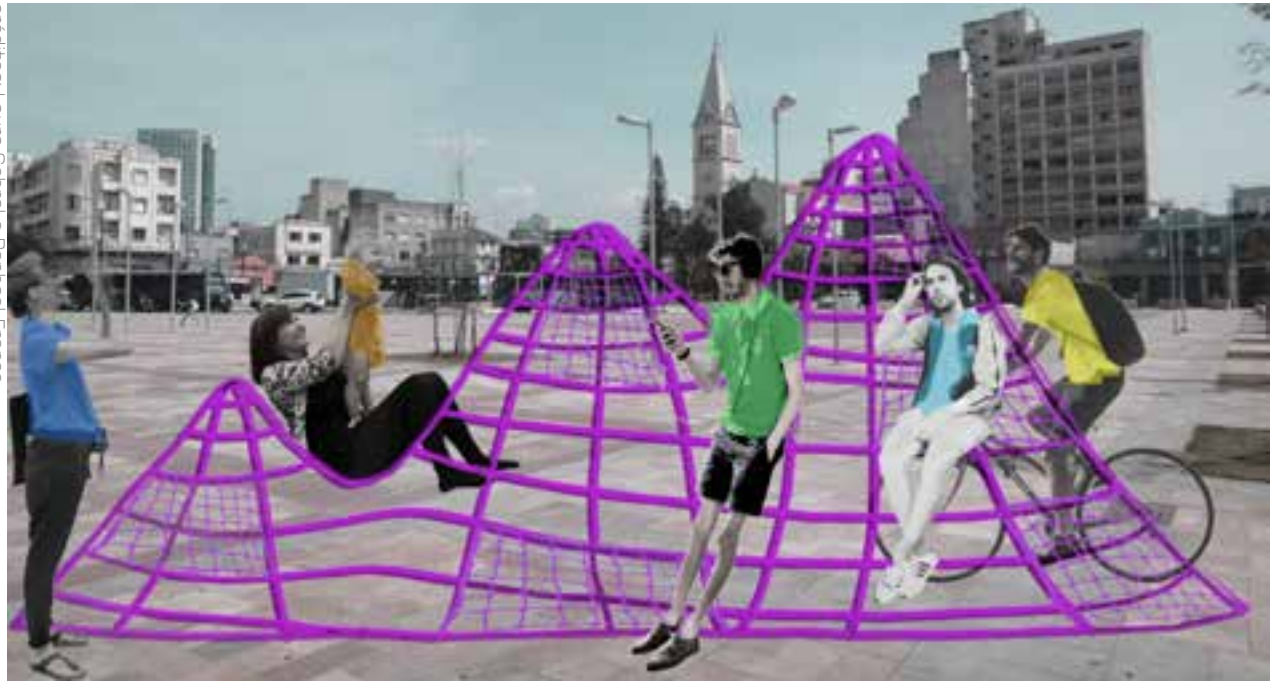
esportes e atividades culturais e de lazer. Nesse último item que cito está incluído o mobiliário urbano. Bancos, mesas, quiosques, bebedouros, paraciclos, entre outros.

A importância de qualificar o que é público — dar o suporte mínimo para que o público seja, enfim, comum — pode ser sentida no dia-a-dia, mas isso não fica sempre claro.

Quando, como urbanistas e ativistas, dizíamos ser urgente que a cidade tivesse espaços públicos, democráticos, capazes de acolher a todas e todos para que pudessem sentar para descansar, usufruir de sombras e caminhar com tranquilidade, parecia não haver discordância. Porém, também não se imprimia um senso de prioridade, nada que levasse de fato à ação. "Há coisas mais importantes com o que

se preocupar", pareciam dizer os responsáveis pelos setores públicos e privados, quando desviavam o olhar — e o investimento — para algo que consideravam mais relevante como, por exemplo, mais uma obra de proporções gigantescas que a cidade não precisa, mas que energiza as construtoras e vínculos políticos.

Pois bem, com a proibição de aglomerações para o melhor controle da pandemia, em todo o mundo parques e praças estão sendo fechados, e mesmo ruas estão tendo seu acesso controlado. Agora, no Brasil, parece incontestável que o pouco mobiliário existente é essencial para possibilitar que as pessoas tenham o mínimo de qualidade de vida fora dos espaços em que pagam para estar. Os portais dão notícias do tipo: "Prefeitura retira bancos de concreto para evitar idosos nas ruas em cidade do ES" (Estado de São Paulo, 23 de março de 2020), "Coronavírus: cidade de



créditos: Laura Sobral e Raphael Franco

MG retira bancos de praça para evitar aglomerações" (O Tempo, 5 de abril de 2020), "Prefeitura de Santa Maria (RS) retira bancos do centro da cidade por causa do Coronavírus" (G1, 20 de março de 2020). Será que, passado o momento de reclusão, serão tomadas medidas para que os espaços possam, finalmente, contar com o bom e generoso mobiliário urbano?

Qual a melhor maneira de lidarmos com esta questão, e com tantas outras mais abrangentes, postas em uma lente de aumento nestes tempos de COVID-19?

Enquanto nos queimam os olhos situações a que antes não dedicávamos atenção para ver, e lidando incomodados com isso, somos embalados em uma dança de dar tanto passos para trás (como no caso do mobiliário, por exemplo, ou o controle sobre nossos dados), como para frente (como a vitória da renda

créditos: Laura Sobral e Raphael Franco

básica, menor ritmo da destruição do Planeta). O que de melhor podemos fazer em relação a isso? Como aplicar nossas energias restantes para o saldo ser positivo?

Há muitos que enxergam este momento como propício à reflexão. Concordo. Mas, agora, na trégua desse ritmo acelerado imposto pelo apelo à maior produtividade possível, que faz o essencial ser deixado de lado e dando lugar a falsas prioridades, minha impressão é que já refletimos demais. Que as pesquisas e lutas importantes já estão aí. Há muito que já foi proposto e nunca obteve espaço para ter sua relevância justamente reconhecida.

Os espaços da cidade fora da lógica de consumo são preciosos. O encontro e a solidariedade são essenciais para um futuro mais justo. A desigualdade com a qual convivemos é ultrajante. O nosso modo de vida e como nos relacionamos com a Natureza é insustentável. Existir pessoas bilionárias e com tanto poder, enquanto outras não têm o que comer é insuportável. Vidas são mais importantes que o lucro.

Agora é hora de ação, de amplificarmos a voz de tantos que, há muito, falam e agem sobre isso. De fortalecermos movimentos e focarmos na implementação. Este tipo de reflexão tem me feito apreciar cada vez mais textos como o da Profa. Gabriela Lotta, "Sem implementação não há solução" (Estado de São Paulo, 8 de abril de 2020), onde ela afirma que "é preciso começar a agir. Ouvir os atores que atuam na ponta, debater soluções viáveis, pensar recursos e procedimentos necessários para as ideias virarem ações concretas são as únicas formas efetivas de garantir respostas rápidas e, ao mesmo tempo, realistas para transformar a realidade e fazer diferença na vida dos que mais precisam".

Busque saber o que está sendo feito para que as transformações urgentes aconteçam e faça parte. Movimentos por uma cidade mais amigável para se andar a pé, de bicicleta. Pessoas e organizações pela autonomia alimentar, familiar e orgânica. Propostas de espaços públicos melhores para acolher a todas e todos. Grupos que apoiam a manutenção da renda básica na pós-pandemia. Políticos que priorizam a saúde pública gratuita e universal, o fortalecimento do SUS. Estas são apenas algumas das iniciativas que já existem para que o nosso futuro seja menos distópico que o presente.

Quando as ruas abrirem novamente, portanto, já sabemos o que fazer. Agora, mais do que nunca, está evidente que para vivermos em cidades melhores – preparadas para a convivência, a interação, para a vida – depende de cada um de nós.

"Agora é hora de ação, de amplificarmos a voz de tantos que, há muito, falam e agem sobre isso"

O QUE OS ESPAÇOS VIRTUAIS NOS INFORMAM SOBRE NOSSOS ESPAÇOS PÚBLICOS?

KAREN MARTINI

estudante de arquitetura e urbanismo na Universidade de São Paulo. Formada em inovação social e facilitação de grupos pelo programa YIP (The Youth Initiative Program) em YtterJärna (Suécia). Investiga modelos de apropriação simbólicas e físicas do espaço urbano pelos seus cidadãos, trabalhando especialmente com técnicas de contação de histórias, exercícios de artes cênicas e dinâmicas lúdicas. Co-organizadora do festival "Roots to Routes" em YtterJärna, que contou com 100 participantes ao longo de cinco dias de palestras, oficinas e metodologias de ação, no qual foi responsável pela cenografia e co-desenhou e sediou as sessões de abertura e encerramento.

Em uma das minhas primeiras ligações por zoom comecei a perceber que aquela ferramenta reproduzia dinâmicas que estavam presentes em muitos dos lugares que eu frequentava antes, no mundo presencial.

Era uma ligação laboratório, para a criação de jogos digitais, organizada por um dos participantes da Trust in Play - The European School of Urban Game Design. A ligação possuía um anfitrião, que era capaz não apenas de silenciar ou ligar o microfone de cada um dos participantes, como mudar o nome pelo qual cada um aparecia na tela. Além disso, ele era o único capaz de criar quartos separados para a discussão aprofundada de certos temas, e movimentar os participantes entre esses quartos. Para entrar em outra conversa, era necessário pedir permissão para este anfitrião, que era também o único capaz de transmitir mensagens para todos os quartos. Em um momento este anfitrião comentou: "Desculpa, por essa forma tão hierarquizada de reunião."

Todo espaço, seja ele digital ou físico, é projetado por alguém. Por detrás deste design, existe uma intenção e uma série de interesses. Cada espaço representa uma visão de mundo, um desejo de sociedade, uma defesa de uma certa forma de interação. Eles são criados como resultado de uma série de interesses de grupos sociais distintos, e podem servir ou subverter a lógica da sociedade na qual foram criados. Geralmente, eles reproduzem e aprofundam essa dinâmica social hegemônica do ambiente de quem os criou.

Era esse o caso da plataforma que usamos para aquela ligação, ainda mais na forma como a utilizamos. Esse é o caso também da maioria dos espaços que frequentamos na cidade. Existe um controle, explícito ou implícito, sobre onde podemos entrar, e como podemos nos movimentar por este espaço. Alguém que decide quem tem o direito a falar, e sobre qual título ou representatividade essa pessoa pode tomar posse de sua voz.

"Projetamos espaços para certos corpos, para certas interações"

Todo espaço está constantemente nos mandando mensagens sobre como devemos agir, quem devemos ser para sermos aceitos. Projetamos espaços para certos corpos, para certas interações.

Em uma ligação de vídeo, na maioria das plataformas, você é confrontado pela sua imagem, onipresente, lado a lado com as imagens das pessoas com as quais você deseja interagir. Na forma como são projetadas essas ferramentas, você é convocado a controlar como se apresenta, como deseja ser visto. No instagram e no facebook, você pode controlar quem pode ver certas publicações, podendo criar múltiplas narrativas do que se deseja mostrar. Existe um imperativo de se confrontar com a sua imagem, constantemente.

Essa lógica também está presente na forma como nos vemos na cidade, especialmente em São Paulo, onde passamos a nos definir pelo lugar da cidade onde moramos, e os lugares que fora dele frequentamos.

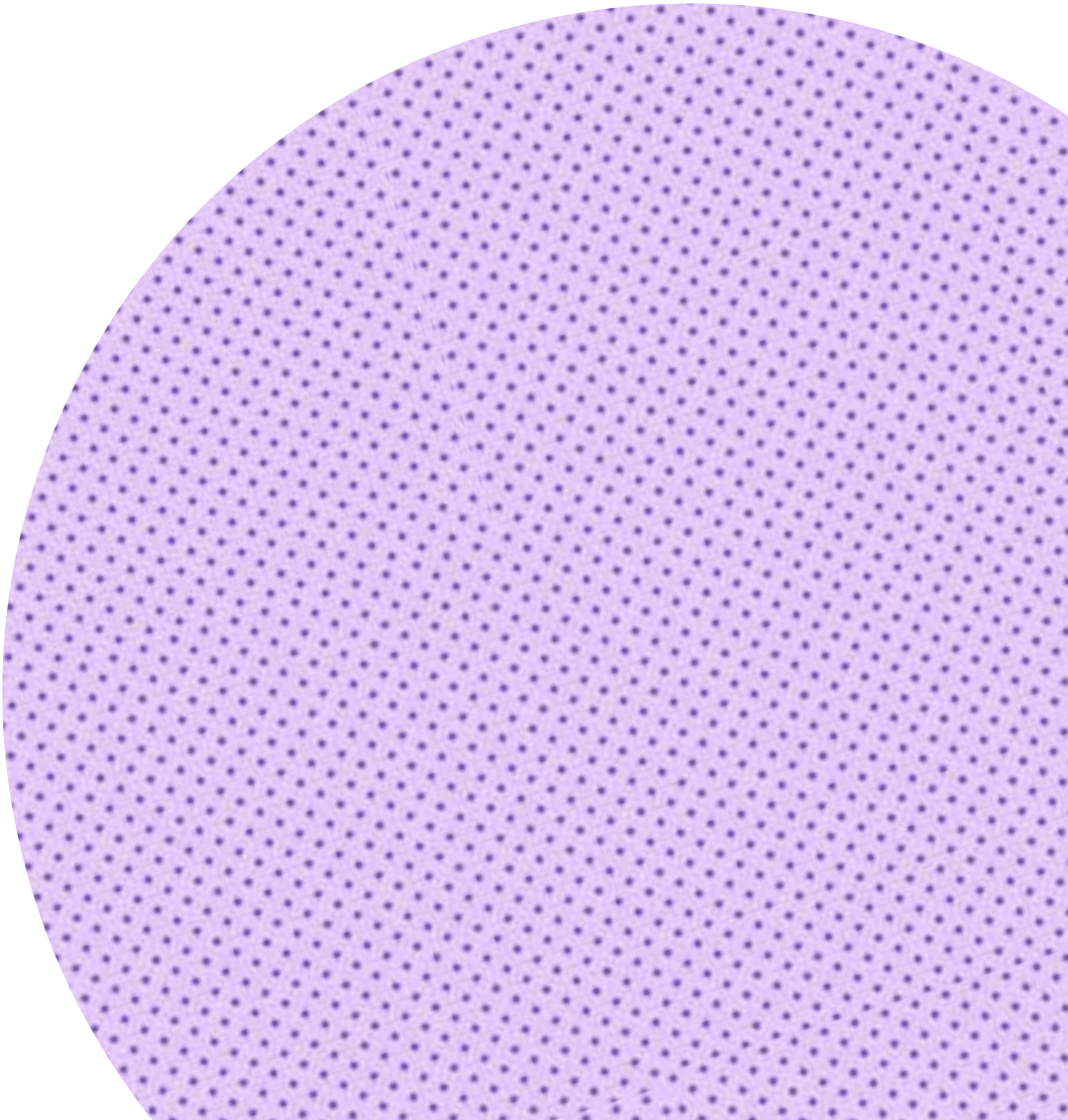
O mundo digital, mesmo antes da necessidade de isolamento social, já havia se tornado parte central de como nos relacionamos. Nos venderam a idéia de que a internet, e nossos celulares, nos tornariam mais conectados e permitiram a democratização do acesso a novas oportunidades. Essa não era uma promessa nova. Muito antes do isolamento nossa busca já era por conexão. Esse é um desejo repetido múltiplas vezes em diferentes momentos históricos. Inclusive em alguns dos principais instantes em que o mundo urbano foi apontado como uma solução.

As cidades eram vistas como esse potencial gerador de encontros, pelo seu poder de concentrar pessoas que possuíam diferentes origens, propósitos e saberes em um mesmo espaço. Mas a realidade de como seus projetos se concretizaram levou a uma série de segregações, e a simples idéia dessa convivência passou a ser vista como perigosa, algo a se evitar. Os espaços desta cidade não convidam ao encontro com o diferente, ao repouso, a observação. Eles servem a movimentos pendulares moradia-trabalho, ao lazer em espaços privados, atrelados ao consumo, a estigmatização daquilo que é diferente.

Estes espaços estão de fato servindo aos nossos interesses? Como podemos habitar e ocupar estes espaços, que foram feitos seguindo e em função de certa lógica, e dentro deles criar novas dinâmicas, subvertendo-os? Como podemos nesse processo criar novos espaços, que convidem ao surgimento de outra forma de sociedade?

Recentemente em outra ligação do Zoom, o anfitrião teve uma nova idéia. Ele tornou todos os participantes anfitriões. Todo mundo, subitamente, era capaz de criar novos quartos para discussão e se movimentar livremente. Foi uma decisão coletiva, e cada um assumiu a responsabilidade que era ter esse poder. Não surgiu nenhum caos. Pelo contrário, com uma posição ativa - ser também responsável por fazer a parte técnica e logística funcionar - cada participante se tornou mais engajado, em uma posição de co-criador, em tornar as transições entre discussões o mais fluídas possíveis. Dentro do mesmo espaço, encontramos uma nova forma de nos relacionar.

O que seria então pensar essa gestão compartilhada e tomada de decisões coletiva no âmbito da cidade e dos espaços públicos?



CRIANÇA QUER IR PRA RUA!

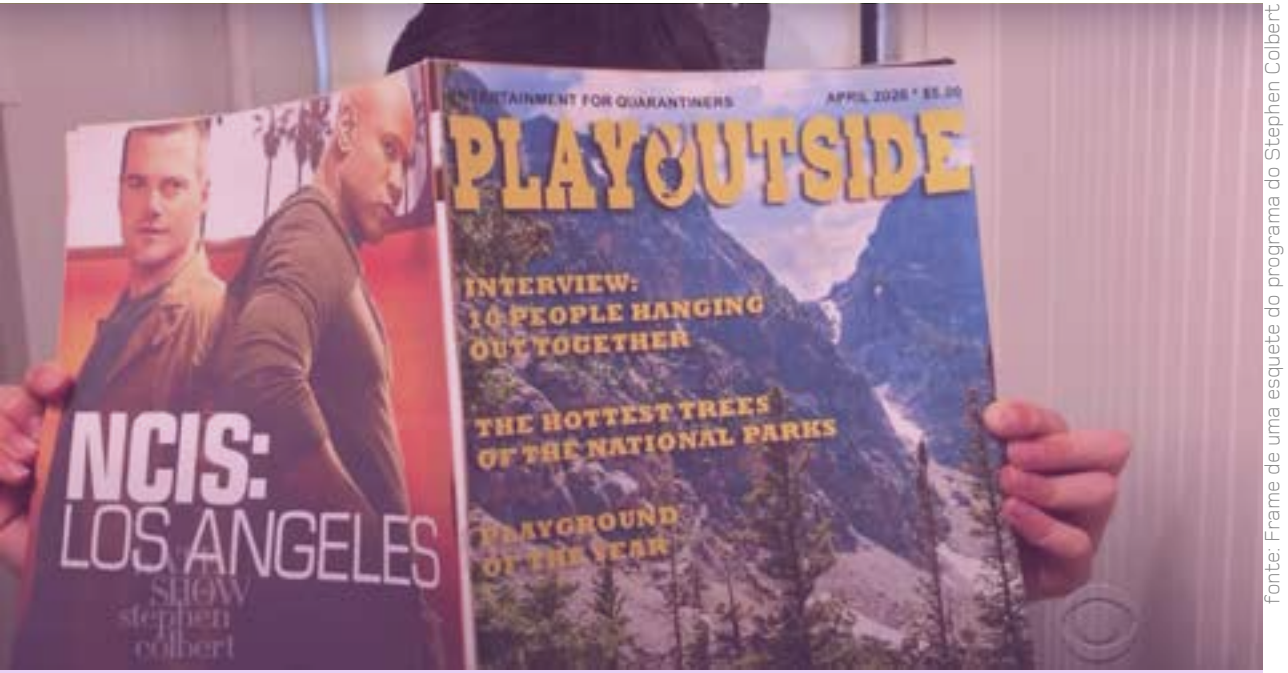
VANESSA ESPÍNOLA

designer generalista. Mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP com dissertação sobre poéticas e ativismo no espaço público. Atuou em projetos de intervenção urbana e na implementação dos parklets na cidade de São Paulo. Também faz parte do Instituto a Cidade Precisa de Você e facilita sessões de co-criação e oficinas criativas sobre cidadania ativa e sustentabilidade com o público infantil.

Só num mundo distópico poderíamos imaginar que nossas crianças não teriam permissão para brincar livremente na rua com seus amigos. Antes da pandemia, estávamos vivendo tempos de luta para que as crianças passassem mais tempo ao ar livre, em contato com a natureza, ocupando os espaços públicos. A maior parte de nossas crianças vive em contextos urbanos[2] e no Brasil, por conta do sentimento de insegurança, brincar na rua para muitas famílias não é considerado uma opção.

2. A maior parte de nossas crianças vive em contextos urbanos. Segundo relatório da Unicef "Crianças em um mundo urbano", mais de 50% da população do mundo vive nas cidades.

créditos: Alexander Schimmeck, via Unsplash



fonte: Frame de uma esquete do programa do Stephen Colbert

3. De acordo com o manual "Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes", elaborado pelo projeto Criança e Natureza em parceria com a Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual_orientacao_sbp_cen.pdf

Brincar ao ar livre traz diversos benefícios[2], tais como melhorias para a coordenação motora, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Ainda pode reduzir a tristeza, a raiva e prevenir o estresse tóxico.

A prefeita de Barcelona, Ada Colau, publicou recentemente em sua conta no Facebook um texto dizendo que estava preocupada com a saúde psicológica e emocional das crianças por conta do confinamento. Ao final da carta, dizia: "No esperéis más: Liberad a nuestros niños!" (Não esperem mais: liberem nossas crianças!).

As medidas de quarentena (lockdown) têm sido diferentes em cada país. Na Suécia, por exemplo, as escolas primárias sequer fecharam. Em Portugal, todas as escolas estão fechadas, mas as crianças

podem fazer curtas caminhadas ao ar livre e exercícios, sempre acompanhadas de seus responsáveis e perto de casa. Na Espanha, as crianças até a semana passada, não tinham permissão para sair.

Quando nossas crianças poderão voltar ao espaço público? Como elas irão viver e passar por essas três etapas: o agora; o período de transição; e o pós-COVID-19.

4. Conceito proposto por Marc Augé para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, ou seja, todo e qualquer espaço que sirva apenas como espaço de transição (como um aeroporto) e com o qual não criamos qualquer tipo de relação.

O QUE PODEMOS FAZER AGORA?

Já que não podemos deixar nossas casas ou podemos apenas sair muito rapidamente e lá fora tudo parece um não-lugar[4].

créditos: Vanessa Espínola

O mais importante agora é manter a sanidade mental – quem tem filho pequeno em casa sabe do que estou falando – e ficarmos perto dos nossos afetos, nos conectarmos mais e mais com as pessoas de que gostamos.

E como criar encontros significativos para as crianças nesses tempos de coronavírus? Se elas não podem frequentar as escolas, parquinhos ou qualquer equipamento público.

Passamos a nos conectar pela internet, a partir de interesses em comum.

créditos: Vanessa Espínola

Todos os dias a @wendymac, desenhista do Brooklin, faz uma live ensinando crianças a desenhar, via instagram. Com aulas dinâmicas ela consegue segurar o público infantil.

A bambolê oficinas criou o grupo "Atividades para Crianças" no WhatsApp para que pais e cuidadores pudessem partilhar ideias de atividades infantis para que as crianças passem por essa quarentena da melhor forma possível. A proposta é trocar atividades e ideias que estão sendo feitas com as crianças e criar uma rede de apoio.

No projeto "First Steps Around the World", professores de música de diferentes nacionalidades contam estórias e canções tradicionais de seu país de origem para as crianças.

São eventos pequenos, com poucos participantes, nos quais as crianças podem se ver e ter o mais perto do que possa se chamar de um encontro real. É, a internet passou a ser nosso espaço de encontros e os encontros online passaram a fazer parte da nossa rotina, numa vontade de fazermos parte desse movimento #togetherapart .

E por ora fomos obrigados a criar um mundo alternativo temporário. Em Portugal, as crianças estão desenhando arco-íris e colocando na janela. A ideia é passar uma mensagem de esperança e de que tudo vai ficar bem (#vaificartudobem).

créditos: Vanessa Espínola

5. https://www.info-coronavirus.be/en/faq/

Logo depois, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia usou esse símbolo para espalhar esperança.

Na Bélgica[5] as escolas e parques estão fechados, mas as crianças podem sair para caminhar, acompanhadas de seus responsáveis e respeitando a distância física. Por lá, lançaram a caça ao urso, e, quando as crianças saem às ruas, são estimuladas a procurar por ursos nas janelas da vizinhança. Além da questão lúdica, a ideia é conectar as pessoas e integrar as comunidades. O cartaz está disponível para download em 20 línguas diferentes. #bearhunt

COMO TRAZER A NATUREZA PARA DENTRO DE CASA?

Sem poder sair e morando nos grandes centros?

Há lojas online que enviam uma caixa de atividades para crianças, algumas caixas trazem um kit com folhas secas, galhos, sementes e cascas secas para brincar. Caixas de brincadeiras com conteúdos da natureza podem ser uma boa opção para esse período em que não podemos circular.

E nos locais em que as crianças ainda podem fazer caminhadas ao ar livre em seu bairro, o contato com qualquer natureza próxima de casa já é válido.

COMO MANTER A CIDADE VIVA E VIBRANTE PARA UMA CRIANÇA?

urso na janela e cartaz "procura-se ursos". Para baixar o arquivo do cartaz "procura-se ursos", é só acessar: http://berenjachtvoorniedereen.be/. ImageCortesia de Vanessa Espinola

Há alguns anos atrás, o ilustrador Paul Middlewick passou a procurar animais nos mapas das linhas de metrô de Londres, o sucesso foi tanto, que criou o projeto Animals on the Underground, ressignificando os mapas através das suas qualidades.

E se as crianças pudessem usar os mapas da cidade para realizar caminhadas à procura de animais e objetos, tal qual o projeto de Paul Middlewick?

A ideia é desafiar a criança a encontrar no mapa de seu bairro, personagens, animais ou objetos. As crianças poderiam fazer caminhadas individuais, utilizando um desses Apps de corrida ou passeio de bike que, ao final da jornada, mostra em imagem o desenho do percurso e essa imagem poderia ser compartilhada com amigos e vizinhos.

fonte: Print screen do site www.animalsontheunderground.com

Isso faz com que as saídas para caminhadas sejam mais divertidas, estimula o jogo e a troca entre outras crianças. Afinal, para que servem os mapas agora, se não estamos indo a lugar algum.

OUTRAS IDEIAS

Também é possível resgatar os murais de mensagens, como os dos projeto #beforeIdie, da artista Candy Chang. Cada um com seu giz podendo trocar mensagens, deixar textos e interagir com o espaço público de maneira segura e compartilhada.

Para crianças maiores, que devem estar sentindo muita falta do espaço público e das áreas verdes,

créditos: Trevor Coe

créditos: Vanessa Espínola

pode ser interessante fazer um plano para o futuro, perguntar o que elas querem fazer quando tudo passar, junto com os pais ou os amigos criar uma "to do list" para depois. Nesse sentido, o Instituto a Cidade Precisa de Você criou uma hashtag #saudadedarua para que as pessoas listem, falem, comentem coisas de que elas sentem saudade.

COMO SERÁ A TRANSIÇÃO DO CONFINAMENTO PARA UMA VOLTA AO USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS?

As crianças são possíveis portadoras do vírus e, na maior parte dos casos, não apresentam sintomas. Escolas, parquinhos, casa de brincadeiras se tornam

lugares arriscados para se frequentar. Com tudo isso, como será essa transição? Teremos receio de levar nossas crianças para locais com outras crianças? Evitaremos aglomerações? Evitaremos o transporte público?

Para os cuidadores nas creches, será um grande desafio quando todas as crianças voltarem à escola. Sabe como é a primeira semana de uma criança pequena na creche? Agora imagine uma sala cheia de crianças na primeira semana. Nos deixa pensando nos desafios que as escolas irão enfrentar e em como eles irão se preparar para esse retorno.

Na China as coisas estão voltando, aos poucos, ao "novo normal" e o nível de vigilância extrapola os padrões de uma democracia. Será que teremos algo parecido? Um teste rápido para entrar na escola e, se você está

créditos: @eunachina

infectado, volta para casa? E para frequentar outros espaços públicos, seremos testados?

A brasileira Rebecca Steinhoff, que vive com sua família na China, em Changzhou, cidade a 675km de Wuhan, relatou em sua conta no Instagram que, após 100 dias sem aulas, suas filhas voltaram à escola. Segundo seu relato, antes das crianças irem para a escola todos precisam medir a temperatura e gerar pelo celular um QR code de saúde, que deve ser encaminhado aos professores para verificação. Na porta da escola, todos passam por um scanner de temperatura e só depois dessa verificação as crianças podem entrar.

"Ao entrar na sala elas não sentam mais ao lado do amiguinho, agora sentam sozinhas. Os amigos ficam afastados uns dos outros. Não podem tirar a máscara e não podem abraçar os amigos. Durante o dia, as professoras trocam as máscaras das crianças e medem a temperatura de cada uma. Se a criança passar de 37°C vai para o hospital dentro da escola aguardar para medir a temperatura novamente".

Minha filha tem dois anos e uma ânsia de desbravar o mundo, conhecer coisas novas, se aventurar, o que é normal em toda criança. Elas possuem a habilidade de transgredir as regras e ressignificar os lugares e as coisas e por aqui não é diferente: rolar e lamber o chão da rua é uma das dinâmicas que acontecem nas nossas saídas. Uma tática que usamos em duas das nossas saídas, para ela não sair pegando em tudo e rolando pelo chão, foi falar para ela levar um carrinho de boneca para passear, então nesse passeio ela anda, acelera, para, mas sempre com o carrinho nas mãos, cuidando para que sua boneca não caia. Depois de 30 dias sem pisar no chão da rua, ela saiu correndo e gritando: "Eu gosto de casa, eu gosto de prédio, eu gosto de árvore, eu gosto de céu". Foi um momento emocionante.

E O PÓS-COVID-19?

Quando as crianças poderão viver a cidade de novo? Os equipamentos públicos e culturais que já não fazem mais parte da nossa rotina farão sentido num futuro próximo? Como será os aspectos dos novos parquinhos? Iremos desenhar espaços de convivência pensando no distanciamento físico?

Estamos todos pensando o que faremos depois, nos projetos para adiante. Temos de ficar atentos e revisar esses projetos, porque o depois não vai ser a mesma coisa. Ideias como "desemparedamento" da infância, pensar a cidade como território educativo, brincadeiras ao ar livre e aproximação da natureza: como elas serão encaixadas no novo normal?

São questões em aberto que nos trazem muitas reflexões, uma coisa é certa, mais que resilientes, precisaremos nos reinventar.

créditos: Patrícia Campos

OUTRAS CIDADES IMPOSSÍVEIS

URSULA TRONCOSO

arquiteta e urbanista. Graduou-se pela Escola da Cidade e fez pós-graduação na Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha). Estudou Mobilidade e Primeira Infância (CECIP-RJ), e Espaços de Aprendizagem Outdoor para Primeira Infância, North Carolina State University (Estados Unidos). É coordenadora de Educação Urbana do Instituto A Cidade Precisa de Você e desenvolve o projeto Cidade para Crianças, que discute território e cidade com os pequenos. Colaborou para diversas iniciativas como urbanista especialista para políticas públicas e participação infantil e é consultora da Fundação Bernard van Leer, organização que advoga por cidades amigas das crianças.

Cidades desertas, comércios fechados, voos cancelados. Praças vazias, ruas sem ninguém circulando... o que parecia impossível aconteceu. Se para nós está difícil de se acostumar a essa nova rotina, para as crianças, então, o baque foi ainda maior. De um dia para o outro, elas foram privadas da escola, da convivência com os amigos, dos passeios pela cidade, dos parques, das praças. Foram encerradas dentro de casa.

Em 22 de março, saiu uma matéria no jornal espanhol, El Confidencial, chamada "O Desaparecimento de 7 Milhões de Crianças". Com esse título um tanto dramático, o filosofo César Rendueles alertava para os problemas sociais, psicológicos e de desenvolvimento que essas crianças estavam sofrendo ao ficarem confinadas em apartamentos sem luz do sol, ar livre e natureza. No texto, ele diz que "estamos acostumados a esperar que as crianças sejam invisíveis, que não atrapalhem, que não façam barulho", e afirma que a maneira como lidamos com a crise é extremamente "adultocêntrica": as crianças desapareceram completamente do espaço público e "são agora assunto exclusivamente de suas famílias".

O que essas crianças estão sentindo e o que têm a falar sobre o que estão vivendo? Conversei com algumas, do Brasil e de outros países, para tentar entender como elas estavam enxergando esse momento inédito em suas vidas.

Eu aprendo novas coisas com a minha família, meus pais estão me ensinando muito

Guillerme, 10 anos, falando do que mais gosta da quarentena

Posso dizer quase todas as crianças que conversei estão gostando de ficar mais tempo com a família. De repente a mãe, o pai, os irmãos mais velhos, estão em casa, não ficam mais fora o dia todo. Lorena, de 7 anos, disse que das coisas que mais gosta da quarentena é cozinhar com seu pai. Já Leonor, que tem 3 anos e vive no Chile, disse que o que ela mais gosta é "desenhar, dormir, brincar com meu irmão e com meus pais". Os momentos em família esticaram e elas podem aproveitá-los melhor, sem correria, no tempo delas.

Quando perguntadas sobre a escola a maioria das crianças diz que sentem essa falta profundamente. Para Alice, 5 anos, esse é o mais difícil da quarentena. Perguntada de que ela sentia falta na escola, ela diz logo "de tudo! ". Mas muitas deixam claro, não sentem falta de lição, "o que mais sinto falta com certeza é dos meus amigos, quero conversar e dar muita risada

ilustração: William Heath Robinson

com eles", diz Araceli de 13 anos. O que as crianças mais valorizam são as pessoas, os amigos, os professores, e as relações que estabeleceram na escola.

Sinto falta da rua, porque atravessamos a rua e vamos na praça

Leonor, 3 anos, respondendo o que mais sente falta na quarentena

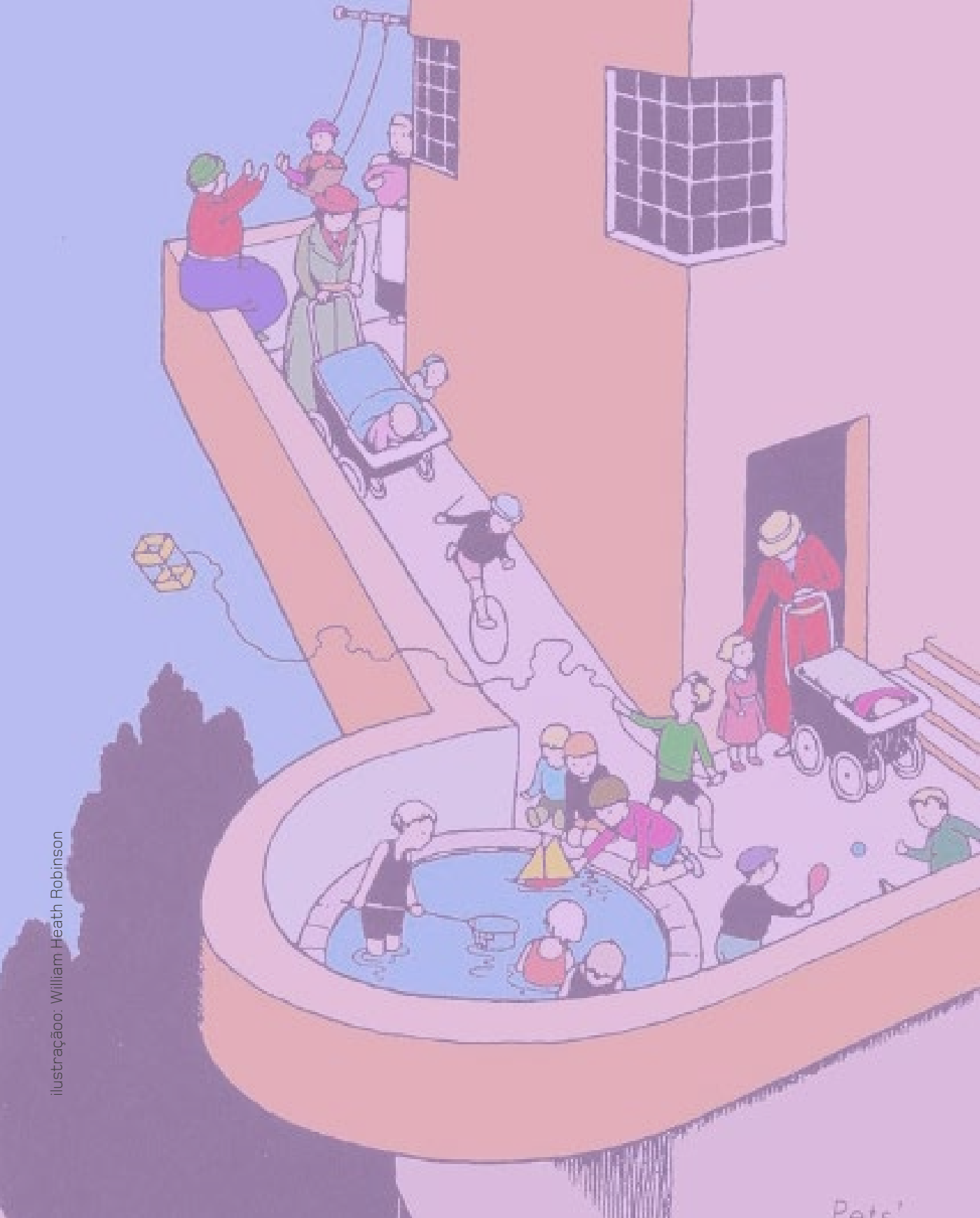
Quando o assunto é cidade, vemos dois grupos se formarem. Primeiro, crianças as que não sentem tanta falta porque, no seu dia a dia antes da pandemia a cidade já não representava algo importante para elas. Tatyana, de 12 anos, diz "acho que não sinto falta de nada na cidade, porque não saio muito de casa". Mas um segundo grupo, maior, sente falta das coisas que só a cidade pode proporcionar no seu cotidiano. Leo, de 3 anos, vivendo em Barcelona, diz "sinto falta da praia e de castelos de areia molhada". Os trajetos cotidianos são os que ficam mais gravados na mente dos pequenos. Guillerme de 10 anos, vivendo em Madrid, diz "sinto falta de um parque que eu passava

toda vez que eu ia para escola". Já Junior, de 9 anos, sente falta de andar de bike e Marina, de 5 anos, diz "eu sempre quero ir naquele parquinho".

Eu queria que tivesse um monte de flores, e queria ficar passeando na rua um pouco sozinha

Marina, 5 anos, sobre o que gostaria que mudasse na cidade pós quarentena

ilustração: William Heath Robinson



ilustraçãoo: William Heath Robinson

Também perguntei para as crianças o que elas gostariam que mudasse na cidade depois da pandemia. Leo, de 3 anos, tem uma ideia bem especial da vivacidade urbana e responde: "quero mais chaminés nas casas, e mais caminhões de obra nas ruas". Araceli, moradora do Jardim Damasceno, na Brasilândia, zona norte de São Paulo, região que foi uma das mais atingidas pela pandemia, está preocupada com a saúde e gostaria de mais postos de saúde e hospitais. Alice gostaria que a cidade tivesse mais calçadas e Guilherme pensa que mais parques e "lugares para brincar seria uma boa". Já Marina deseja que a cidade "tivesse um monte de flores", e queria ficar "passeando na rua um pouco sozinha", demonstrando uma vontade de mais autonomia para circular na cidade. E completa: "depois eu volto rapidinho para casa".

Quero mais chaminés nas casas, mais caminhões de obra nas ruas

Leo, 3 anos, falando da sua cidade ideal

Falar com as crianças e os desejos delas para as cidades me lembrou o caso de Amsterdã que nos anos 1970 era o paraíso dos carros. Calçadas estreitas, ruas abarrotadas de automóveis, poluição. Por toda

cidade o pedestre não tinha vez. Em 1971, mais de 3 mil pessoas morreram atropeladas.

Foi então que as crianças do bairro de Pijp começaram uma campanha para o fechamento de vias para carros e abertura de ruas para brincar. No início, encontraram muita resistência, como mostra um documentário feito para a TV local na época. Em uma cena marcante, vemos um adulto sendo interpelado pelas crianças para que apoie o abaixo assinado que estavam fazendo, e respondendo aos gritos, indignado: "Tirar os carros da rua? IMPOSSIVEL! Isso é IMPOSSÍVEL!".

Mas as crianças não desistiram. Com ajuda da escola e das famílias, fizeram passeatas, foram à prefeitura, debateram, construíram barricadas, até conseguirem mudar a maneira como aquela comunidade entendia o espaço público. Deixaram claro para todos que elas também precisavam de espaço, para viver, para se movimentar, para brincar, para se desenvolver, e que tinham o direito de estar na cidade. Hoje, Amsterdam é exemplo de mobilidade urbana, de espaço público, de convivência. Mas não foi sempre assim, houve um momento em que isso era simplesmente impossível.

A cidade mais impossível de todas é essa em que vivíamos antes da quarentena. Eu falo de São Paulo, mas poderia estar falando de qualquer cidade no mundo que cresceu desordenadamente, que é desigual e violenta. Um lugar sem respiro, sem espaço para as pessoas, sem respeito pelas crianças, sem ar puro, sem segurança, sem transporte, sem trabalho. Sem cooperação.

Porém, nesse momento de crise, nesse pequeno espaço de tempo, vimos um número crescente

de pessoas optando pela mobilidade ativa. Vimos diminuição da poluição sonora e do ar, diminuição de carga horária de trabalho, de deslocamento diário, vimos adultos passando mais tempo com a família e com seus filhos. Vimos o surgimento de um sentimento de responsabilidade e organização, tanto de prefeituras quanto de comunidades e vizinhos. Coisas que antes eram impensáveis encontraram espaço e se estabeleceram em questão de dias.

Temos uma oportunidade de nos perguntar para qual cidade queremos voltar depois da pandemia. Vamos ouvir a todos, vamos ouvir nossas crianças e vamos imaginar outras cidades impossíveis, bem melhores do que as atuais.

PEQUENOS NEGÓCIOS E PRODUTORES LOCAIS EM FOCO

MANUELA COLOMBO

coordenadora de Políticas Públicas no Sebrae-SP. Mestre em Políticas Públicas pela FGV-SP (2020). Master na Universidade de Berkeley, California (Estados Unidos), na área de Technology Law (2010). Co-Fundadora do Conexão Cultural (2015) e consultora em engajamento comunitário e em coordenação de projetos. Possui experiência profissional em parcerias pela Prefeitura de São Paulo e na área de Comunidades LATAM pela Yellow/Grin (Grow Mobility).

A vida na cidade grande nos faz, por vezes, esquecer a origem dos alimentos e produtos que consumimos em nosso dia a dia, perder ou não desenvolver certas habilidades manuais - pois é possível, facilmente, obter tudo "pronto e já acabado" -, e nos afasta de uma conexão real com os processos de fabricação e produção artesanais.

Durante a pandemia, que ainda persiste, passamos aqui em casa por diferentes momentos. Total isolamento no início, imersões para o mato e interior de São Paulo, encontros com pequenos núcleos de amigos e família, uma volta gradual e cuidadosa ao trabalho presencial (em esquema de revezamento), minha filha passou a frequentar um espaço para brincar com outras crianças, onde formamos uma "mini comunidade", e também abrimos nossa casa e quintal para receber algumas crianças nesse período. A reflexão sobre a volta à escola fica para um outro capítulo.

Todas as mudanças e a falta de rotina nos levaram a adotar novos hábitos e a refletir sobre diferentes perspectivas. O que comemos, vestimos, ouvimos, lemos, quem e o que apoiamos, quais serviços são essenciais, com quem estabelecemos trocas reais e autênticas, o que é preciso para se viver bem? Um dos hábitos que se fortaleceu, e veio para ficar, influenciado também pelo meu trabalho no Sebrae, foi o de valorizar produtos artesanais e os negócios locais. Conhecer a origem do que consumimos.

créditos: Manuela Colombo

6. Exemplo: https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/52063930/pandemia-provoca-mudanca-de-habitos--de-consumo-de-produtos-lacteos-aponta-pesquisa

Vivendo o trabalho remoto, acabamos nos deslocando mais vezes para o interior. A cidade de São Paulo (e as pessoas que nela vivem) estão passando por uma fase triste, assim como suas ruas e calçadas, onde tanto gostávamos de caminhar, conviver e pedalar, mesmo com todos os seus problemas. Sempre que posso, consumo produtos e serviços de pequenos negócios locais, que estão tentando sobreviver na crise. Essa foi, aliás, uma grande tendência de comportamento da pandemia[6].

Para nós, a parte positiva foi ter a chance de acompanhar mais de perto nossa filha pequena e vivenciar algumas novas experiências em tempos menos acelerados. No ano passado, já tinha sido incrível parar um tempo para aprender um pouco sobre permacultura, em um retiro para famílias waldorf, organizado pelo Instituto Pindorama, que

também oferece outros cursos, onde ensinam sobre casas ecológicas, produção de alimentos, negócios sustentáveis, dentre outros, como o programa "Viver Fora do Sistema". E a pandemia nos faz refletir bastante a respeito da qualidade de vida nas grandes cidades.

Afinal, como podemos incorporar essas práticas vivendo no ambiente urbano?

créditos: Manuela Colombro

A REINVENÇÃO DO COMUM E DA VIDA COTIDIANA

MARCELLA ARRUDA

arquiteta e urbanista pela Escola da Cidade. Estudou Interactive Media Design na Royal Academy of Arts de Den Haag (Holanda). Articula redes em diversos territórios com uma pedagogia da autonomia, ferramentas para participação cidadã e modelos de cogovernança de comunidades no desenho e implementação de projetos socialmente justos e ecologicamente regenerativos. Realizou diferentes projetos, cursos, debates e palestras sobre desenho situado, participativo e integrado na América do Sul, Índia e Dinamarca. Participou na articulação de redes e projetos nas Bienais de Arquitetura de São Paulo, Chile e Veneza. É Diretora de Projetos do Instituto A Cidade Precisa de Você.

Com o sentido perdido, as cidades buscam novos significados. Hoje dependemos das redes sociais digitais para acessar bens comuns como cultura, lazer, encontros significativos - mas como podemos usufruir das tecnologias para permitir o direito à cidade em tempos de pandemia? Vivemos um movimento global de diminuição do ritmo do desenvolvimento urbano: o esvaziamento das cidades na Índia, o êxodo urbano na França, o retorno às menores cidades e às áreas rurais, onde há menor densidade populacional e maior qualidade de vida. O que significa a cidade se não a promessa do acesso aos bens comuns que ela oferece?

No entanto, para muitos nas metrópoles brasileiras tais direitos sempre foram promessas que nunca chegaram: do acesso pleno à moradia de qualidade, saneamento, água, trabalho, conhecimento, cultura, educação... E o que faz a pandemia é visibilizar ainda mais essas contradições, como explicita a jornalista Mariana Belmont em coluna no Ecoa: "a desigualdade social será ainda mais sinônimo de mortes seletivas nas periferias, sabemos bem a cor e a renda das pessoas que já começaram a morrer e são subnotificadas pelos hospitais. São muitos os que já morriam todos os dias, agora será cada vez mais."[7]

Apesar de contribuir para a não propagação do vírus, a quarentena ainda é privilégio de alguns, aqueles que estão imunes (como apontado no artigo de Paul B. Preciado no El Pais "Aprendendo del virus") de se

7. Disponivel em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/mariana-belmont/2020/04/02/ja-podemos--falar-sobre-luto-e-genocidio-da--populacao-negra-e-periferica.htm?fbclid=IwAR0JPlFgIgPzSpjCTHV2EY-qmemJIzFxEgCGrkpuwhA1-CXxX9gAT5vh-v1Q4&cmpid=copiaecola

colocar em risco para salvar outros, trabalhando desde suas casas. Enquanto isso, diversas pessoas saem às ruas para cuidar e trabalhar na manutenção da nossa vida cotidiana: agricultores, motoristas de transporte público e logística, estocadores, operadores de caixa de supermercado, garis, coletores de lixo, empregadas domésticas, jardineiros, síndicos, porteiros... Como podemos distribuir essas funções de forma a que todos possamos estar seguros, sem riscos, e que possamos compartilhar o acesso aos bens comuns (água, comida, terra, energia...) igualmente, garantindo o direito daqueles que hoje não os acessam (os desmunidos); nas periferias, favelas, nas ruas?

Mesmo que a vida cotidiana volte a uma normalidade nos próximos anos, já será um novo normal. A pandemia nos impõe a necessidade de criar outras formas de nos relacionar com o habitar e a organização (hoje desigual) da sociedade que integramos para suprir as demandas do habitar. Como criar coletivamente infra estruturas e regras para cuidar da vida e gerir os comuns em tempos de crise?[8] Vemos assim emergir um novo comum: que questiona as aglomerações urbanas que insistimos em construir e o modelo de exploração (destruição?) dos ecossistemas que vem com elas[9], mas oferece também a possibilidade de criarmos comunidades. A ideia de comunidade se apresenta aqui como uma organização coletiva onde os deveres para sustentar a vida (e suas riquezas) são produzidos e distribuídos igualmente, cuidando daqueles que estão em situação de vulnerabilidade e buscando compartilhar os bônus e o ônus da vida em comum - entendendo que habitamos um mesmo planeta.

8. Quer saber mais sobre os comuns? Pesquise sobre Eliane Ostrom, Toni Negri, e a publicação Crise e Insurreição

9. Foi inclusive comprovado que o espalhamento do vírus está diretamente relacionado à exploração dos territórios, ao modelo extrativista que causa a perda de biodiversidade e complexidade das paisagens que nos relacionamos e exploramos. Informações disponíveis no artigo do The Guardian "Tip of the iceberg".

Antes, as ruas foram palco de ocupações de desejos por outros mundos, pela retomada e disputa daquilo que é público. Agora, a janela é a nova rua - seja a janela da internet ou do apartamento. O panelaço, as conversas através dos muros, os grupos de Whatsapp de vizinhos, a comunidade que sustenta agricultura e as redes online de solidariedade em cada cidade demonstram que, mesmo mediados pela arquitetura das redes sociais digitais, ainda podemos criar vínculos reais, ação política e comunidades de cuidado.

A iniciativa global Segura a Onda[10] (Frena la Curva) mapeia essas ações: um guia de iniciativas cidadãs de enfrentamento ao coronavírus, cujo conteúdo está organizado em fóruns temáticos, apoiando projetos de resiliência cívica em tempos de pandemia. As ações variam desde a mais básica demanda de acesso à

10. Conhece alguma iniciativa? Compartilhe aqui: www.seguraaonda.com.br

créditos: Pedro Urano

informação e direitos, moradia, trabalho e renda, até redes de solidariedade e apoio mútuo, ações de cuidado, dicas para o tempo livre da quarentena, e o cuidado das populações com direitos ameaçados (os desmunidos), excluídos e em situação de maior vulnerabilidade - e que sempre estiveram.

Para recuperar e garantir esse direitos constitucionais, temos que pensar em novas formas de nos organizar, abaixo algumas sugestões de ferramentas e estratégias de uma nova maneira de olhar para a cidade, como:

- acesso a informação confiável, conhecer nossos direitos constitucionais para que possamos fazer um monitoramento social do cenário em constante mudança

- acesso ao conhecimento científico, as instruções da saúde e à tecnologias abertas de soluções criadas

- inovação nas políticas públicas de descentralização de recursos e redistribuição dos privilégios (acesso a leitos privados, por exemplo)

- outros entendimentos da ideia de trabalho, renda mínima, leis trabalhistas que apoiem os trabalhadores afetados

- políticas de negociação do aluguel, de ocupação de imóveis vazios ou ociosos

- mobilização social, redes de apoio mútuo, iniciativas de economia solidária, grupos de consumo, apoio a pequenos comércios e à agricultura familiar

- acesso a medicamentos e saberes populares de medicina natural, de alimento de qualidade, de ações de autocuidado, de acolhimento

- direito ao ócio: passeios virtuais, filmes, passa-tempos, cursos, cultura e arte

- mitigação dos riscos das comunidades vulneráveis e defesa dos direitos daqueles em maior risco: população de rua, indígenas, comunidades rurais, imigrantes e refugiados, moradores de periferias, favelas, cortiços e ocupações, pessoas em cárcere, catadores de resíduos, mulheres, LGBT, grávidas, pessoas com questões de saúde mental

Como lembra o filósofo indígena Ailton Krenak, não devemos nos civilizar, mas sim devemos criar outros modos de civilidade: ecológica, comunitária, pluriversa. O novo comum é um convite para reinventar como organizamos nossa vida, nosso tempo, espaço e relações - pactuando a co-responsabilidade de cuidar de nós mesmos, dos outros e do espaço que habitamos; respeitando os limites do planeta e criando cidades onde possamos coexistir de forma justa e saudável.

A CIDADE ENTUBADA TAMBÉM PRECISA DE CURA

BARÃO DI SARNO

designer, músico, artesão e agitador cultural. Graduou-se na Fundação Armando Alvares Penteado. É sócio-fundador da Questto|Nó, agência de design estratégico com mais de 180 prêmios conquistados, onde atua em projetos focados na construção de futuros mais humanos e sustentáveis. Desenvolve projetos de intervenções e mobiliários urbanos que ativam e fomentam a ocupação de espaços públicos. Vice presidente do Instituto A Cidade Precisa de Você. Já ministrou aulas em diversas instituições de ensino, como o Instituto Europeu de Design, Universidade Paulista e Escola Pan-americana de Arte.

Quando a realidade nos exige respostas complexas e inéditas, um dos métodos mais interessantes para buscar respostas é o da biomimética, que consiste em fazer perguntas para a natureza em busca de inspiração. Neste sentido, vale a pena perguntar: como a natureza lida com situações emergenciais, onde o comportamento de um organismo precisa ser modificado rapidamente?

Entendendo aqui a cidade como um organismo e a pandemia como um situação emergencial, podemos fazer paralelos interessantes com a reação do corpo em perigo.

créditos: Denys Nevozhai, via Unsplash

Quando o corpo humano se vê em uma situação de perigo, assume uma série de funções involuntárias com o objetivo de deixá-lo preparado para lidar com a situação emergencial. Ele recebe uma descarga de hormônios que aumentam sua sensibilidade e reflexo. Seus membros inferiores e superiores ficam mais irrigados para ganhar força e agilidade, sua frequência cardíaca aumenta, sua pupila se dilata para ampliar o campo de visão e a respiração fica ofegante, dando-lhe oxigênio extra para lutar ou fugir.

"A pandemia comprometeu o funcionamento das nossas cidades porque o que dá sentido à sua existência é seu movimento constante"

Esta preparação também pode provocar muitas reações adversas como palidez e dor no estômago. Isso porque o corpo muda suas prioridades por um determinado instante, desequilibrando nossas funções comuns. A palidez, por exemplo, ocorre porque o corpo prioriza a irrigação dos membros, reduzindo a quantidade de sangue na pele.

É isso que chamamos de estresse, uma maravilhosa inteligência do corpo que possibilitou a sobrevivência de nossos antepassados frente a situações de vida ou morte, lutando contra inimigos ou fugindo de animais ferozes. Mesmo hoje em dia, podemos nos valer do estado de estresse em situações pontuais para conseguir realizar atividades urgentes com foco e energia. Mas, infelizmente, nos dias de hoje ele acabou se tornando mais um problema do que uma benesse.

Isso porque o estresse contemporâneo nem sempre está relacionado a situações extraordinárias, mas a problemas corriqueiros do nosso estilo de vida que deixam o corpo em alerta constante, como a pressão no trabalho ou a falta de dinheiro. Dessa forma, o corpo acaba experimentando de forma duradoura uma alteração física que era para ser vivida apenas por um período curto de tempo e isso pode gerar consequências gravíssimas a nossa saúde.

A pandemia comprometeu o funcionamento das nossas cidades porque o que dá sentido à sua existência é seu movimento constante. É ele que possibilita a interação entre as pessoas, fazendo da cidade um local de oportunidades para diferentes tipos de habitantes. Mais do que a casa, é a proximidade entre elas. É a possibilidade de se deslocar pelas ruas, de ir para diversos locais no mesmo dia, de se encontrar nos espaços públicos, de compartilhar das mesmas infraestruturas.

Certamente, sairemos desta pandemia um tanto mais paranóicos e isso pode nos levar a uma visão de cidade futurista bastante distópica.

No entanto, não podemos esquecer que o vírus se vale do nosso comportamento contra nós. É através daquilo que nos faz humanos que ele se multiplica e portanto, o caminho não é obedece-lo, pois isso seria ir de encontro aquilo que somos. Tomemos como exemplo o HIV. Ele se propaga através do sexo e isso nos leva a duas formas de detê-lo: reduzir ao máximo a atividade sexual ou, ciente de sua ameaça, transar de forma segura. Conservadores e religiosos muitas vezes defenderam a primeira opção (pelo menos, da boca pra fora), classificando a AIDS como um castigo frente ao "pecado da promiscuidade". Mas, tudo indica

créditos: Alex, via Unsplash

que o HIV é somente mais um dos muitos parasitas que existem na natureza e, nos culpar pelo dano que ele causa, dá margem para culparmos a pobre amendoeira por ter sido sufocada até a morte pela erva daninha. Se houver algum significado para além do processo evolutivo, faria mais sentido interpretar que o HIV é a prova de que somos seres transantes e o Corona é a prova de que nós adoramos ficar juntos fisicamente.

A pandemia não pode ser encarada como o "novo normal". Ao mesmo tempo, não podemos ignorá-la nem perder a oportunidade de aprender com ela. Outras virão e nós precisamos estar mais preparados. Nossas cidades se mostraram ineficientes nesta batalha e a principal forma que utilizamos para reduzir a dimensão dessa tragédia foi ir de encontro aquilo que é sua razão de existir, impedir a interação entre as pessoas.

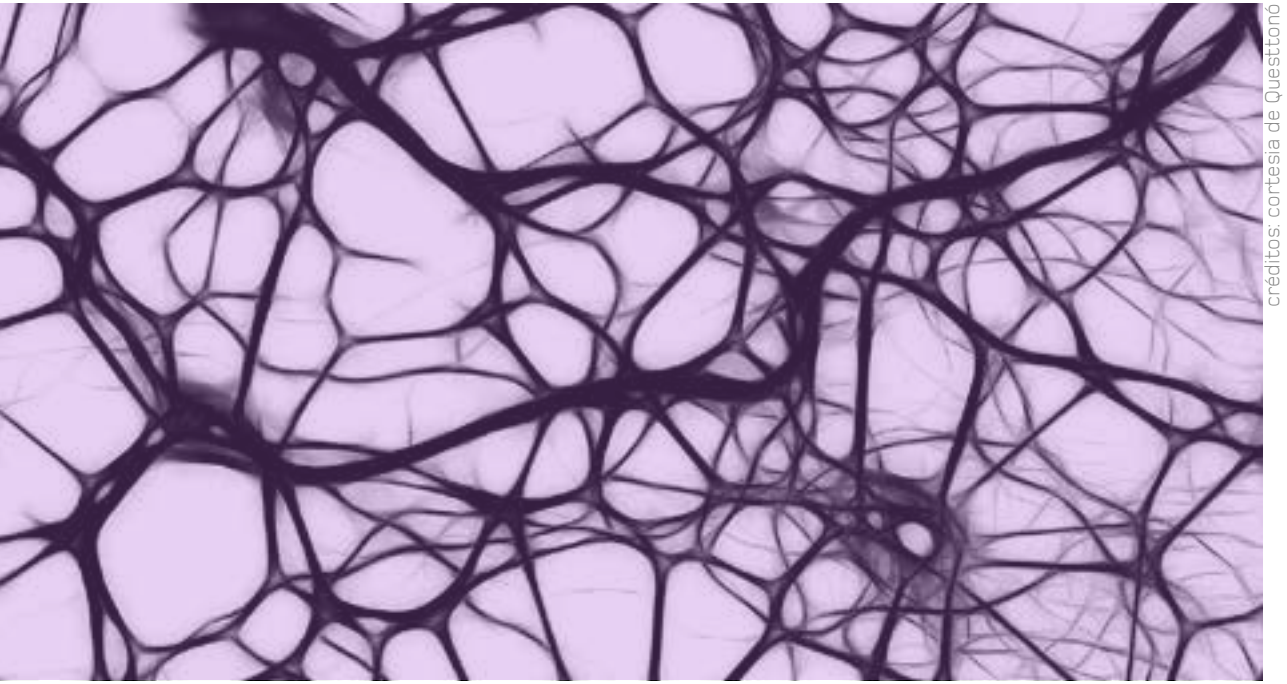
A pandemia deixou claro que nosso corpo urbano não tem a agilidade do nosso corpo humano para lidar com situações de perigo. Seu metabolismo não é tão ágil e, por isso, tivemos que deixá-la "entubada", com apenas funções vitais sendo executadas, enquanto tentamos curá-la.

Uma das diferenças entre o corpo humano e o urbano é que o design da natureza é muito mais flexível e multifuncional do que os que nós costumamos criar. Cada equipamento urbano costuma ser concebido para realizar apenas uma única função e, quando esta não se faz necessária, ele se torna um desperdício de espaço, matéria prima e energia. Os auditórios e estádios, por exemplo, passam muito mais tempo parados do que em uso. Muitas escolas costumam ficar fechadas fora dos períodos de aula. As fábricas, quando seus produtos não tem vazão, são um estorvo. As avenidas, projetadas para ficarem lotadas na hora do hush, constituem a maior parte de nosso espaço público e são subutilizadas no resto do dia.

Assim, quando existe uma necessidade urgente de leitos hospitalares, a China se vangloria de ter construído um hospital inteiro em 20 dias, um enorme esforço e custo e que agora já está sendo desativado. Um pouco menos dispendioso são as adaptações de estádios a espaços de eventos em hospitais de campanha mas, claramente, são soluções paliativas, não previstas. Estes espaços não estão preparados para receber equipamentos de UTI, por exemplo, tornando a sua adaptação para terapia intensiva ainda mais complexa. Será que a cidade não poderia ser projetada para que o uso dos espaços e dos equipamentos urbanos fossem mais flexíveis, reduzindo sua ociosidade, dando conta de necessidades cotidianas, mas também das

emergenciais, possibilitando transformações ágeis e baratas, assim como o corpo humano transfere o fluxo sanguíneo de um lugar para o outro do corpo em questão de segundos?

Será que a única forma de combater uma pandemia é parar a cidade? Uma teoria levantada por alguns políticos, figuras midiáticas e quase nenhum especialista, foi a de que, ao invés disso, seria possível fazer um isolamento vertical, ou seja, isolar somente o grupo de risco (idosos e pessoas com comorbidades), testar maciçamente a população, e isolar os contaminados. De fato, esta seria uma solução muito menos impactante para a sociedade, pois permitiria que boa parte da força de trabalho e das atividades econômicas pudessem se manter ativas. No entanto, ela se mostra completamente inverossímil, quando falamos das cidades atuais, especialmente nos países em desenvolvimento.

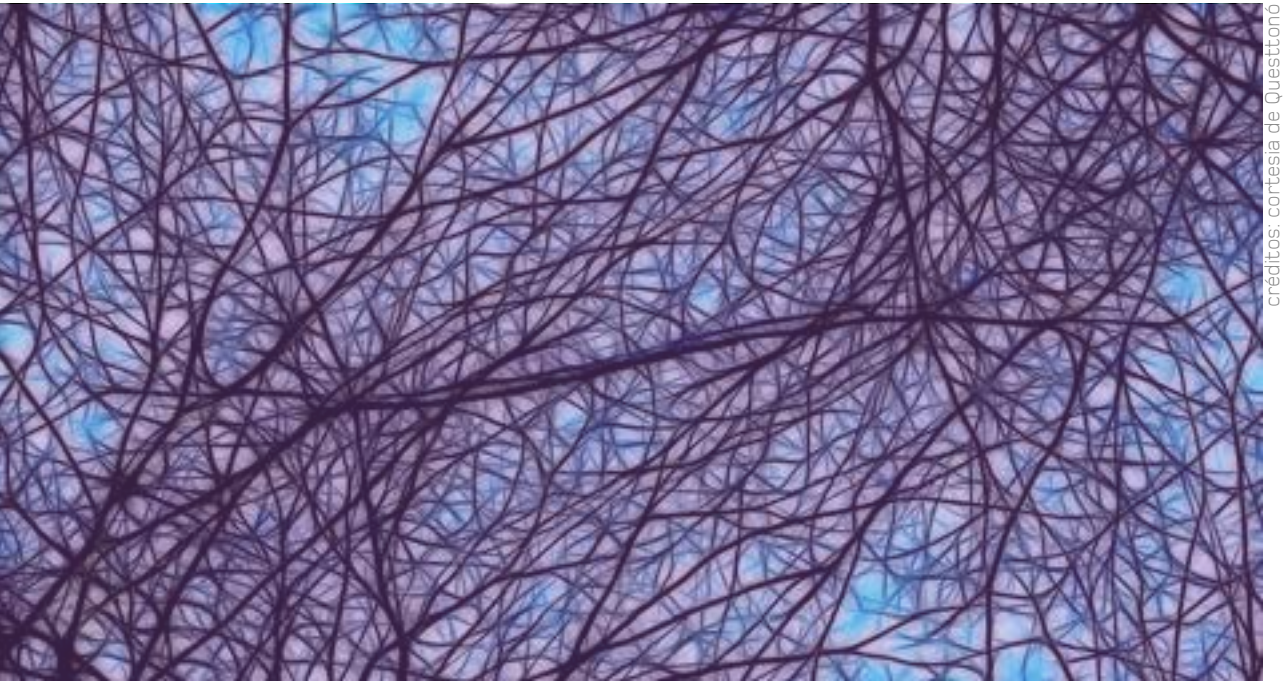


créditos: cortesia de Questtonó

Isso porque, de acordo com o Ministério da Saúde, somente a hipertensão, que é uma das comorbidades, atinge um quarto dos brasileiros que vivem em cidades. Pessoas acima de 60 anos são quase 15% segundo o IBGE. Ou seja, sem levar em consideração o resto das comorbidades existentes, já estamos falando de um terço da população. Como isolar um grupo deste tamanho? Nem ocupando todos os hotéis e prédios desativados daríamos conta e o custo desse isolamento seria inimaginável. Quem propõe algo deste tipo não fez as contas, não elaborou claramente esta logística e, tão pouco levou em consideração que, no Brasil, poucos idosos moram sozinhos. A grande maioria vive em casas cheias de parentes.

No entanto, a teoria de isolamento vertical, que hoje é uma falácia egoísta, pode ser um caminho real no futuro mas, para isso, precisamos estar preparados e não pegos de sopetão.

Muito se falou sobre as tecnologias empregadas na China e Coreia que usaram os dados captados pelos celulares, câmeras e aparelhos que medem a temperatura dos cidadãos, para conseguir mapear onde estão os doentes, isolá-los e acompanhar as pessoas que tiveram contato com eles. Esta é, sem dúvida, uma lógica que aponta o caminho futuro para o combate a pandemias em metrópoles sem ter que criar um isolamento social tão severo como este que estamos presenciando no mundo todo. Mas ele ainda é impreciso para dar conta, pouco disseminado em escala mundial e polêmico. Impreciso porque ainda não temos um nível de monitoramento da nossa saúde em tempo real que nos permita saber se estamos infectados antes que a doença apresente sintomas, impedindo o diagnóstico de assintomáticos. Pouco disseminado porque não são muitos os governos



créditos: cortesia de Questtonó

e cidades que adotaram completos sistemas de vigilância, como os asiáticos. Polêmico porque está relacionado a um das grandes discussões contemporâneas: a privacidade de dados. O filósofo Byung-Chul Han descreveu a forma como o governo sul coreano usou dados para controlar a pandemia:

"Com os dados do telefone celular e do material filmado por vídeo é possível criar o perfil de movimento completo de um infectado. São publicados os movimentos de todos os infectados. Casos amorosos secretos podem ser revelados. Nos escritórios do Ministério da Saúde coreano existem pessoas chamadas "tracker" que dia e noite não fazem outra coisa a não ser olhar o material filmado por vídeo para completar o perfil do movimento dos infectados e localizar as pessoas que tiveram contato com eles." Na China este sistema de vigilância por dados contou

até com drones que seguiam as pessoas que furavam a quarentena. Não é difícil imaginar a ameaça a liberdade individual que esta política de vigilância pode ser. "Espero que após a comoção causada por esse vírus não chegue à Europa um regime policial digital como o chinês. Se isso ocorrer, como teme Giorgio Agamben, o estado de exceção passaria a ser a situação normal. O vírus, então, teria conseguido o que nem mesmo o terrorismo islâmico conseguiu totalmente.", complementa Byung. No entanto, não podemos negar sua eficácia dessa vigilância em situações como esta, apesar dela ainda não suplantar a necessidade do lockdown, fato que foi divulgado erroneamente em diversas fake news de quem quer acabar com o isolamento.

Mas aqui vale fazer novamente um paralelo com o corpo em situações de emergência. As câmeras de vigilância e celulares são o equivalente aos nossos sentidos: olhos que veem uma cena de perigo, ouvidos que escutam uma notícia preocupante, a pele que sente o calor de um incêndio nas proximidades. Estes dados coletados são processados no cérebro que declara emergência, liberando substâncias químicas. Portanto, ele processa as informações e toma uma atitude, mas não controla todo o processo, contando com atividades autônomas de diversos sistemas. O sistema circulatório transfere seu contingente para as zonas prioritárias, o respiratório passa a trabalhar mais. O cérebro processa os dados, mas depende de sistemas autônomos para funcionar. Ele não monitora cada glóbulo branco, por exemplo, mas estes seguem combatendo celular intrusas diariamente. Da mesma forma, podemos pensar que a cidade mais eficiente para uma pandemia, não precisa ser um estado policialesco que centraliza as informações e controla os comportamentos.

"Monitoramento centralizado e punições severas não são a única maneira de fazer as pessoas cumprirem diretrizes benéficas. Quando as pessoas são informadas dos fatos científicos e quando as pessoas confiam nas autoridades públicas para lhes contar esses fatos, os cidadãos podem fazer a coisa certa, mesmo sem um Big Brother vigiando seus ombros. Uma população motivada e bem informada é geralmente muito mais poderosa e eficaz do que uma população ignorada e policiada." (Yuval Noah Harari).

A cidade adaptada a pandemia não é aquela que entende a situação de estresse como a normalidade, mas aquela que está preparada para o estresse de modo a lidar com ele de forma rápida e eficiente, assim como nosso corpo faz. Do contrário, criaremos um cidade doente, assim como os indivíduos modernos ficam doentes quando estão sob estresse constante.

Para isso, precisamos evoluir em 3 caminhos:

Flexibilidade: A capacidade do corpo urbano se adaptar para responder rapidamente a emergência. Não precisamos de UTIs ociosas, mas de um plano rápido de expansão de UTIs. Não precisamos de milhares de respiradores ociosos, mas de fábricas mais flexíveis que possam se adaptar rapidamente para a produção de respiradores e projetos de respiradores pensados para serem produzidos rapidamente. Precisamos fabricar, ou ter como fabricar rapidamente, máscaras de proteção. Ficou evidente que um país não é de todo soberano quando depende da importação do outro lado do mundo de um artigo tão simples e importante quanto este. Precisamos pensar em como o transporte coletivo e o comércio podem manter certo nível de atividade de maneira segura adaptando-se às situações de distanciamento social e também como profissionais de diferentes áreas podem já estar preparados para ajudar em situações de emergência.

"o direito à cidade é parte da solução"

Dados: Somente com mais dados um cidadão poderia saber se está em perigo ou colocando outras pessoas em perigo. Somente com mais dados poderíamos descobrir quem é assintomático e também filtrar melhor o grupo de risco de forma a poder dar o devido apoio e reduzi-lo a um número onde seja factível isolar, se isso ainda for necessário. Dados abertos e acessíveis a todos podem tornar o cidadão um agente em prol da solução.

Conscientização: Um cidadão tem direitos e deveres e sua disponibilidade para exercer suas obrigações está diretamente ligada a quanto ele sente que seus direitos são atendidos. Por isso, o direito a cidade é parte da solução. É preciso dar autonomia, informação e condições dignas para que um indivíduo possa ser um agente ativo no combate a uma situação emergencial assim como, somente em um corpo saudável o sistema imunológico funciona de forma eficiente. Um cidadão é capaz de aprender novas condutas cotidianas sem repressão, apenas por consciência do perigo que pode oferecer a si mesmo e aos outros. Muitos hábitos

enraizados no nosso cotidiano não eram comuns aos humanos. Lavar a mão, usar camisinha, escovar os dentes. Novos hábitos estão sendo construídos e isso é fundamental. Álcool gel nos estabelecimentos comerciais. Normalizar o uso de máscaras, não só numa situação de pandemia, mas para ser usada por quem está gripado. É preciso conscientização para que aprendamos a se proteger do vírus, ao invés de se curvar a ele.

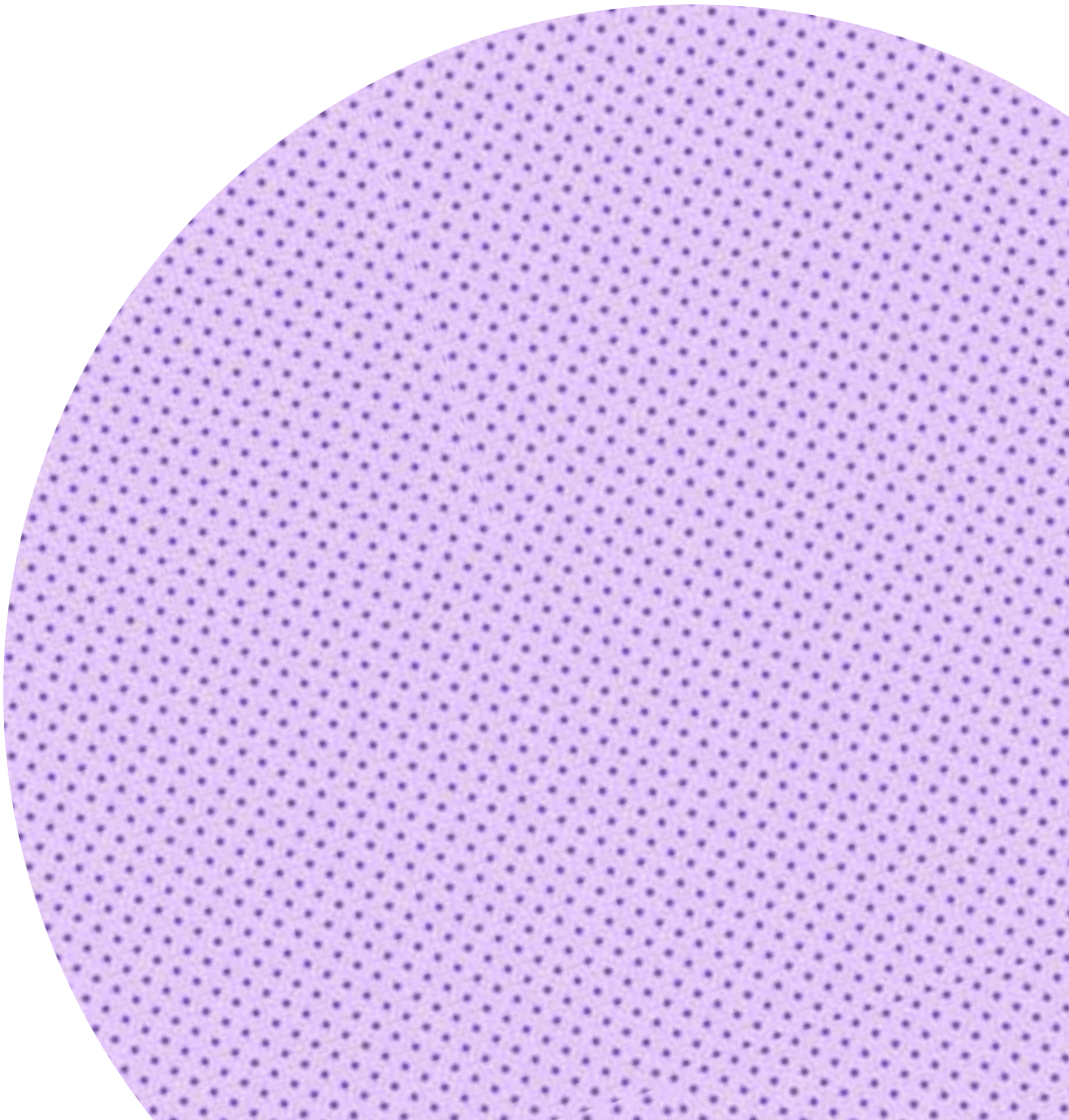
Existem muitos casos de sucesso acontecendo nestes 3 caminhos apontados. Como exemplo, cito o avanço dos métodos ágeis de projetar e fabricar, a disseminação do uso de dados e estatística para avaliar tomadas de decisões, bem como para informar a população, utilizando elaborados infográficos para explicar temas complexos como exponencialidade e o tal achatamento da curva.

"A pandemia não pode ser o novo normal, tão pouco a cidade que existia antes dela"

Esta crise está contribuindo para acelerar esse avanço mas está claro que nossa sociedade e nossas cidades ainda estão longe de atenderem adequadamente a estes caminhos. Enquanto isso, nos resta ficar o máximo possível isolados e atentos para aprender com a crise, pois ela aponta caminhos, nem que seja pelos nosso erros.

Temos a oportunidade de criar corpos urbanos muito melhores, capazes de evoluir com situações de estresse, aumentando sua saúde, ou sucumbir a um estado de estresse constante que vai adoecê-la ainda mais.

A pandemia não pode ser o novo normal, tão pouco a cidade que existia antes dela.



FICHA TÉCNICA

organização
Marcella Arruda

design
Camila Sawaia

textos
Marcella Arruda, Carol Guimarães, Laura Sobral, Karen Martini, Vanessa Espínola, Ursula Troncoso, Manuela Colombo, Barão di Sarno

agradecimentos
ArchDaily

O Instituto A Cidade Precisa de Você é responsável por essa publicação

INSTITUTO A CIDADE PRECISA DE VOCÊ
The City Needs You Institute

acidadeprecisa.org

São Paulo
2020

A Cidade Press é o selo de publicações do Instituto A Cidade Precisa de Você

A CIDADE PRESS